

Coqueiros, 5, Agosto, 95.

Preradissimo Cruz.

Com o coração voltado para Ti, na mais viva emoção das ideias e dos sentimentos, parecendo sentir o calor da tua mão direita, é que te escrevo esta carta. Te escrevo-a com tinta negra, symbolisando assim a grande saudade que tenho tido de Ti, arivada nesta hora pelas dolências de um luar de calcedonio, que me entra em desenhos pelas janelas envidraçadas, e pelo mar cuyas ondas de rendas claras, morrendo em serpentes no virgem regaço da praia, psalmodiam nostalgias e desolação de carcere. No entanto nostálgico não vivo, nem desolado, porque ainda, segundo posso afirmar, continuo a ter a mesma dose de appetito para com todos, principalmente para contigo que, conquanto passasse, nos tanto tempo sem nos communicar por meio da escripta, continias a ser o meu maior amigo, o mais alta mente sincero e dedicado; e porque vive junto de mim, habitando o mesmo castello de esperanças, a doce Elita dos meus sonhos, achada entre as mais procuradas. Depois da vez em que te escrevi, em Março de 92, communicando-te o meu casamento e da vez em que eu te agradecia a bella e sympathica offerta que me fizeste do teu extraordinario elissal, e de mais uma outra, nunca mais tive socego para escrever-te uma linha! Parece incrível, forem as circunstancias em que me tenho visto, isso desde o dia em que accitei a nomeação de promotor publico até o actual, são mais que potentes para justificarem-me perante o teu grande coração e o teu genial espirito de oghia do Desconhecido. Si ja

4
não estivesse de todo escludido da urna de ouro e prata das
meus affectos, sempre tão sinceramente demonstrados, o no-
me de Oscar Rosas (tomo as escrever o nome della cadella
hermaphrodita) appellaria para elle, como prova do que possui
durante o governo que me empregou, no Tubarão e na La-
guna. Dizia-lhe elle que fui um eterno perseguido, um israelita
tormentado, com todas as tendas do espirito derrubadas
pela indomnencia humana. Foi dessa primeira cidade que
te escrevi as cartas das quaes já te follei, e que até hoje
não tiveram a menor resposta, pelo que, entretanto, não
me cango, visto lembrar-me que talvez nem as tivesse
reabido, e que acontecesse com ellas o que acontecia com
as que eu mandava para minha familia e vice-versa.
Os senhores daquelle nova Sodoma ~~acutaram~~ acutaram, mas to-
das do correo, descoradamente, significamente. Hoje por
que me sinto mais colmo, conquanto espreite ainda
os inimigos, esses assassinos cobardes, lobos em reboulo
de ovelhas, sem poder ir francamente á cidade desde
Abril do anno passado, mas em que metti-me no mal
e chi estive até fins de Setembro, soffrendo as mais dura
privações; hoje porrem, repito, que me sinto mais colmo,
eis-me a communicaçao contigo, de coração aberto po-
ra o teu, de alma aberta para a tua. Unjo-me, por a-
tanto, de ollos purissimos, como os que uns olhos am-
tes escrevem, e ornamenta-me de nardo e myrra co-
mo um templo que se vai abrir em festas ao agustus dei.
Disse-me o Rica Lopez, em abril do anno passado, quan-
do aqui aportou vestido a Tiradentes, que já te tinhas
cosado com a Jarita. Não vinaginas que passero de

uro sacudis-se me na janella festiva da alma, num
ma alegria de sol, effluviol e doce, trahendo na sua
garganta ternas ladsainhas brancas, mysticas sym-
phonias de aras de coração noivando. Estas, casado,
resdisaste enfim o sonho que mais flammulaste
abria no espirito, como num largo porto de mar verde
a appareição olympica de uns mastres desejados. 'sh!
como é bom o esgarmento, esse para mim delicioso
Refugio de sonhas brancas, aromado de jacintho, ou
de espiritualmente o meu coração recorda as eithra-
ras de Thyro, que a gente de Iliram traria de Thor-
tis, no doiss dos seus dormedarios. É minha esposa,
hej, meu Brur, com suas mãos ~~como duas~~ enfermeiras,
e as suas olhos amantissiones, de uma resignação
de corduines apunhaladas, o mais supremo e signifi-
cativo altar da minha Religião. Na botalha da vida
botalha essa contra corriveis desenganos, tem sido ella
a rainha unica espada de aço, forte como o tempo. Re-
sa da Graça, Pota de ouro do amor, Escada dos sonhos,
a esposa que achei entre as mais costas. Seu-me já
duas rapariguinhas adoradas, que são como os anjos
na Assumpção da Rainha das Mulheres. A mais re-
thinha é uma rapariguinha de quatro palmos de
altura, muito alva e rasada, de cabellos leivos e crespos
e olhos azules, lembrando duas piscinas de proprio chao
de agua fresca, com seus de mais no fundo. É de um
ma bellera encantadora, digo-l'o com desvanecimento.
Chama-se Desdemona. A outra, que apenas conta
dois meus e pouco, é tambem muito bonita, com olhos

4
negros, muito negros, como que feitos de tormentas re-
cretos. É louca pelas carícias da avó. Tem um no-
me muitíssimo claro, de uma diaphanidade de
cristal: chama-se Snyrna, um dos sete Candei-
ros de ouro, symbolisados no apocalypse do desti-
nado de Palmiras. A mais velha, a minha idola-
trada Zirinha, quando me acompanha pelo cam-
po, com o seu andar ainda muito bamboleado,
como o de uma bruxinha, lembra uma pastoral
da Escripura antiga, porque Ella é doce como um
orvilhão, e minha eterna mãe é quem a apascenta,
vestida de alvos linhos de cuidado, como uma segunda
Agar. Como é extraordinariamente grande e extraor-
dinariamente forte o meu coração junto do desse-
nharquinha de dizeis mares, e do da que está
ainda no berço, fitando-me dentro dos seus mantos
de hiberno! Ando aniciado que esta cresça já, para
ajudar a subtrair a puchar-me os cabellos, apul-
sonar as pernas, a encher-me a bocca de beijos. São dois
livros admiráveis essas minhas filhas!... Nunca es-
previ madrigaes mais deliciosas do que os seus olhos,
nem tonetes mais rubros e cheios de sol do que a
sua corone. Sabes, as circumstancias da vida finaram-
me, depois de promotor e tabula, e tanta coisa mais,
um industrial. Tenho, com o meu compadre João
Bernison, e com o capital de quatro contos, nas
minhas terras, uma olaria. - Espero tirar um bom
resultado, e Deus o permita, porque as minhas fi-
lhas precisam que eu lhes construa uma tenda

com rosas na porta. Tornei-me um rustico adoravel, na viva claridade do campo, gozando, como os passaros, da saude da luz immaculada das manhãs e tardes musicas. Só uma coisa não tenho feito - que é escrever versos. Os que passos tão poucos, os que difficilmente puderam escapar da funa dos ornateiros que me assaltaram, em Tubarão, ás quatro horas da tarde de 14 de julho de 92, a casa onde eu residia com minha familia, que brando-me tudo, espiçordeando-me tudo. Entretanto espero, se Deus me der vida e saude, e se o meu espirito não se tornar de todo um bagaço medonho, contra um livro, pequeno embora, porém que ao menos fique para as mãos alvas de minhas filhas, fothel-o com religião. Esse livro intitular-se ha - Karma - (não o confies a ninguém) e escrevel-o hei do branco mequique espiritual do meu Amor, com a alma finta ironia de coridade, visitando e ungiendo ~~as~~ suas irmãs - almas de astras encarceradas, agonizantes em milarias. Terá elle o livro do meu Eu interior, voltado simplesmente para o Puro abstrato de tantas dôres, de tantas decepções. É o esse ascetismo místico, de budha, velado como o da Lua - ascetismo de jaspes, de nuvens enigradas - que te escrevo estas linhas. Disseram-me que já publicaste dois livros mais - Broquiis e Breveações, os quaes nem por contra pude ainda obter. Não sei se é verdade. Si com effecto encheite a litteratura do ellendo com esses livros mais, infolivelmente extraordinarios, vê se não te esqueces em enviar-me,

28
vendidas ou dadas, se é que ainda te surge algum
affecto, se é que a tua amizade e a tua dedicação es-
timas por ^{comigo} não foram ainda abolidas por al-
guma malhadura de amigo uzo, como o safado de As-
sar Passas. Preciso de te ver muito, preciso de mergulhar
thorone na via lactea do teu espirito prodigioso. O
Torre que me mande tambem o livro delle, ~~o~~ ellos
e Campos, se já estiver editado. Que venham esses fon-
dões luminosos, esses grandes rios de sol, para que
meu centro se mergulhe nas suas aguas fulgentissi-
mas. Que me venham mais esses livros, como outros
tantos missaes de antiphonas verdes, de antiphonas ou
de antiphonas brancas, futas das arvores, das eues e
das luas bonhadas. Tenham piedade de mim, não
me deixem morrer na sombria carcereira do estu-
der desta terra. Que as musas no canto de natureza
que occupo, aqui junto das minhas respiras e das
minhas vinhas, as escriptas de voeis me venham can-
tar na alma, como ainda hontem, A Torre verde,
de Torre. elluitta bella, muito bella, A Torre verde!... Sa-
rei como me vio esse astro pairar ás mãos! Ilumi-
nem-me voeis ~~o~~ espirito com as seus escriptas e com
po-me assim o vos roxo da tristora que me calpe-
lo coração sempre que tenho occasião de pensar na
amizade dos amigos nobres, dos amigos altamente
sindros. Sim, meu Oxu, porque eu seria um uzo,
seria uma panthera si, lembrando-me, principalmente
da tua amizade, amizade esta immaculada co-
mo o velludo de um lyris, e como as lodasinhas de

recorde-se,
relações corações das freiras, não ~~teu~~, agora, nesta
carta que não é mais do que páginas de misé-
ria, um amigo que tinhas e que foi um dos queridos de tau-
ta Cruz. Era elle o meu juiz, o homem que, depois de
tudo, mais soube ser meu amigo, e chamava-se F. J. Paquet
Cente Lopes de Oliveira. Era um irmão - não, era
mais do que isso - era o teu coração, amantíssimo,
generoso, franco, embora lhe fôllesse espirito discipli-
nado, isto é, espirito de artista da escripta. Turba-
ram-no impiedosamente, deshumanamente, como a um
ladroão desses que tiram espada e que fizeram a Repu-
blica... Anunciam-nos, primeiro, dos bores da
espada a quem se ligára lá dias; depois cortaram-lhe
a lingua, depois fustigaram-nos... Atravessão-nos o co-
ração de este Espadas de elloria tantissimo, e pela
alma grossão-me corras de melancholia, ao tem-
porário desta inclemencia de cair. Que as felic-
dades, que esse amigo tanto desijara para mim, e
as esperanças e os sonhos, que se transformem to-
dos em passares cor de rosa que lhe contem eterna-
mente sobre a sepultura as canções do ellysterio. Ly-
rics de todas as cores e de todas as perfumes as
que lhe nascerem das mãos e do peito. Na terra,
turbidade em que as veres me vejo, alancado
ainda de fresco com a morte desse grande ami-
go, é preciso que voets não me deixem sem lite-
ratúra, unies pollos de ouro da Extrema-Unção
das minhas dôes. Todas as cartas, porém, que me
enviarem, e livros e jor-naes, que sejam abraçados

Manoel José da Silva, Coquinos,

~~a y~~, no primeiro envelope, e no segundo
da a mim, de modo que, abrindo-se o primeiro, não
seja violado o segundo.

Agora, como já são duas horas da madrugada,
e já vai longa e massante esta carta, abra-
ço-te loucamente, desejando-te e à tua esposa, a
Ólita do teu Ideal, a Tricida dos teus vossos, to-
dos os venturos que eu ponha meu desejo e pa-
ra as minhas filhas. Uma grinalda de rosa
cor-de-rosa a calça, e a da tua Santa Garita. Abra-
ço muitíssimo também ao Varre e sua família
do Dr. Juma Rosa, Gausen, Raul Hamann,
Ataliba, Querquiro, Zubin, Arthur de Oliveira,
Anilto de Oliveira. Saudades da minha fa-
mília toda, bem como do Luis.
Escreve-me o mais cedo possível, sim?

O teu eterno

Abraço Figueira
?

P.S. - Breve te mandarei o retrato das minhas filhas

At. F.